

Zé Roberto:

“Futebol não é tudo na vida”



José Roberto da Silva Júnior (kurz Zé Roberto) gilt als der Brasilianer, der es in der Bundesliga geschafft hat. Nach vielen Jahren in Leverkusen und einer sehr erfolgreichen Zeit beim FC Bayern München hat er mit 35 Jahren nochmals einen Profivertrag beim HSV unterschrieben. Dennis Pauschinger sprach für Tópicos mit ihm über Fußball, das Leben in Deutschland und Brasilien, Religion und die zwei brasilianischen Großprojekte WM 2014 und Olympia 2016.*

Tópicos: Você está há quatro meses em Hamburgo. Você tem a impressão de que foi bem recebido?

Zé Roberto: Sim, tenho. Foi até uma surpresa para mim. Ainda mais pelo fato de ter vindo de uma equipe que é amada por uns e odiada por outros. Na minha contratação já fiquei sabendo que os torcedores do HSV ficaram muito felizes, e, quando cheguei, parecia que já jogava no Hamburgo há anos. A cidade tem um carinho grande por mim e isto é muito bom.

Depois de quatro anos em Munique, você voltou para o Brasil para jogar no Santos. Depois disto, retornou ao Bayern. Porque não ficou no Brasil?

Tomei na época a decisão de voltar para o Brasil porque saí de lá muito cedo, com 20 e poucos anos. Eu tinha muita vontade de jogar no Brasil e já estava oito anos na Alemanha. Então acertei com o Santos. Depois de dez meses, houve várias propostas, mas optei pelo Bayern de Munique porque meus filhos nasceram na Alemanha, e assim foi uma decisão também pela família.

Depois disto, você assinou com o HSV. Por que decidiu ficar na Bundesliga?

Eu poderia ter ido para outro país, até para o Brasil, mas optei pelo Hamburgo porque é um clube que se identifica muito com a minha visão de um clube. O HSV luta por títulos, tem uma estrutura

muito boa. Quando o Bayern não mostrou interesse em me contratar por mais dois anos e o HSV ofereceu isto, não pensei duas vezes.

E agora o Bayern sente saudades de você.

É sempre melhor que sintam saudades do que outra coisa. Isto é sinal de que meu trabalho no Bayern foi reconhecido. Agora, acho que o tempo no Bayern é passado e guardo boas lembranças.

Depois de tantos anos na sua profissão, qual é para você a maior diferença entre os dois países no futebol?

Acho que a Alemanha é um país que dá uma estrutura para o jogador de futebol. Não tem muita comparação com a do Brasil. A Alemanha sediou a Copa 2006 e já tinha uma estrutura boa. No Brasil, infelizmente a gente se depara com dirigentes que gerenciam os clubes em benefício próprio. No futebol brasileiro ainda tem muita corrupção, os dirigentes não são tão profissionais como na Alemanha.

Há mais que dez anos você vive na Alemanha - Leverkusen, Munique e agora Hamburgo. O que mais lhe agrada neste país?

Há muitas coisas de que eu gosto aqui (pensa). Uma delas, com certeza, é a segurança. A liberdade de você sair com a sua família, de estar num restaurante no centro da cidade sem preocupação. Mesmo

sendo uma pessoa conhecida, as pessoas sabem respeitar esse momento particular. Na época em que eu jogava no Santos, não podia ir a um shopping com a família porque a gente não tinha tranquilidade. Você quer ter os seus momentos de privacidade, e isto eu consigo ter aqui na Alemanha.

E do que você sente falta aqui do Brasil?

Do sol, do verão (dá risada). Da comida, da minha família, sinto falta de muita coisa!

Sabe-se que você é muito religioso. De onde vem isto?

Vem da fé que encontrei na minha vida através da minha mãe. É um caminho que me traz muita paz e que me faz saber que ter fama, influência e dinheiro não é a coisa mais importante na minha vida. Eu acho que a coisa mais importante na vida é você estar bem com você mesmo. Eu encontrei Jesus Cristo na minha vida, que me traz esta paz e esta tranquilidade, e me mostra o caminho certo e me deixa ser a pessoa simples que sou. A Bíblia diz: “De que vale o homem ganhar o mundo e perder a sua alma.” Sei que bens materiais são coisas passageiras. Um dia eu vou morrer, não vou poder colocar nada no meu caixão e eu vou partir para uma vida melhor que, com certeza, já está preparada.

Há como integrar a religião com o mundo do futebol?

Tem sim, com certeza. Eu consigo isto através da minha fé, através de



* Dennis Pauschinger studiert Soziologie, Politik, Lateinamerikastudien und Portugiesisch an der Universität Hamburg. Er hat insgesamt drei Jahre in São Paulo gelebt. Seit der Saison 2008/2009 arbeitet er als Dolmetscher und Betreuer der brasilianischen Profispieler beim HSV.



Zé Roberto

Jesus Cristo, que veio ao mundo para morrer pelos nossos pecados. Ele mostrou que através da fé você pode conciliar as duas coisas, seja no trabalho, na escola ou em outras áreas de sua vida. Em momentos de lesão, como agora, é difícil porque eu gostaria de jogar, mas não posso. A sensação de tristeza eu consigo transformar em alegria, porque consigo perceber o que tenho na minha vida – futebol não é tudo. Ao mesmo tempo em que perdi a oportunidade de jogar por causa da lesão, ganhei uma coisa que é poder ficar um pouco mais com a minha família.

Nas últimas semanas, o futebol alemão passou por um momento difícil por causa do suicídio do goleiro da seleção Robert Enke. A fé pode ajudar a criar união ou solidariedade entre jogadores que sofrem qualquer tipo de problema?

Com certeza. Cada um passa por momentos difíceis na sua vida. Acredito que, em seus momentos de profunda depressão, Robert Enke buscou ajuda em várias coisas. Em psicólogos, em remédios ou numa clínica. A religião entra onde a medicina não alcança. Ele estava sobrecarregado, tinha uma doença na alma. O remédio às vezes não consegue solucionar o seu problema. Porque o remédio pode

ajudar hoje, mas amanhã você acorda com a mesma sensação de vazio interior. Acredito que ter fé pode ajudar a superar problemas.

Você planeja se engajar pelas crianças de rua no Brasil depois da sua carreira. Qual é o seu projeto?

Eu venho da Zona Leste de São Paulo e sei a dificuldade que é morar na periferia. Às vezes, você vive abandonado na rua porque seus pais trabalham e você não tem a companhia deles para lhe dar uma educação e orientação adequada. A minha educação eu obtive na vida. Eu não tinha a presença do meu pai, e minha mãe tinha que trabalhar em dois empregos. Então, a ideia do meu projeto é tirar a criança da rua. Que ela tenha um lar onde possa ficar depois da escola, onde possa se alimentar e se integrar com outras crianças, frequentar um curso profissionalizante, praticar esportes e ter uma oportunidade melhor.

Falamos sobre fé. Depois de ter vestido 84 vezes a camisa da seleção brasileira, você ainda acredita que poderá jogar a Copa de 2010?

A minha fé sempre tenho, mas acho difícil ser convocado, porque esta porta eu mesmo fechei. Quando fui

convocado em 2007, decidi não jogar mais pela seleção. Na época, eu vinha tendo uma sequência de jogos muito puxada no Santos e já estava cansado de tanto jogar. Também o Bayern de Munique não queria que eu jogasse mais na seleção e que me dedicasse mais ao clube. Mas, agora, pelo momento que estou vivendo na minha carreira, senti de repente a vontade de jogar mais uma Copa. Este ano tive o melhor início de temporada de toda a minha carreira. O treinador já tem um grupo fechado, mas ainda tenho amigos na seleção e vou torcer muito para o Brasil conquistar o título.

Muitos ficam impressionados com seu estado físico. Em 2014 tem Copa no Brasil. Você vai como jogador ou torcedor?

Como torcedor com certeza (dá risada). Quero jogar mais dois anos, no máximo, e depois fazer meu curso de Teologia e me engajar no meu projeto social.

O que acha do fato de o Brasil sediar a Copa 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016?

Acho que é uma oportunidade para resolver os problemas. Há muita coisa a ser melhorada. Eu citaria a criminalidade e a corrupção. O país precisa de renovação e, assim, terá a oportunidade para melhorar em muitas áreas.

O Brasil vai conseguir se superar?

Sim. É uma oportunidade para o Brasil crescer e se tornar conhecido não só por guerras entre a polícia e o crime organizado ou pelo desmatamento da Floresta Amazônica, pela substituição infantil ou pela corrupção. Vai ser conhecido pela riqueza que tem e que poucas pessoas conhecem.

Se o Brasil se superar, já terá ganho muito. Então a Alemanha pode ganhar a Copa 2014?

Acho difícil (dá risada). Acho que o Brasil, jogando a Copa em casa, dificilmente deixará escapar esse título. ■